

OTTOKAR DÖRFFEL: acervo e memória. Uma ponte entre dois mundos

"As fontes falam, as fontes revelam, mas dependem da questão que as interroga, do problema que lhes é exposto."

(Sandra Jatahy Pesavento. Cartografias e devires. A construção do presente)

Esta exposição busca dar visibilidade a diferentes fontes que fazem referência a Ottokar Dörffel existentes no acervo permanente do Arquivo Histórico de Joinville-AHJ.

A partir da leitura de documentos identificados nos fundos "Domínio Dona Francisca", "Conselho Municipal de Joinville" e "Harmonia - Lyra", e nas coleções "Carlos Ficker", "Memória Tipográfica" e "Memória Iconográfica", é possível vislumbrar diferentes nuances de algumas experiências vivenciadas por Ottokar na cidade. Esses documentos evidenciam um imigrante dividido entre duas pátrias, a de origem e a adotiva, bem como sua tentativa de construir uma ponte entre esses dois mundos.

Os sonhos, as decepções, as lutas, as conquistas, os conflitos, as tensões, são alguns dos sentimentos e embates presentes nas cartas escritas por Dörffel para familiares e amigos na Alemanha. O AHJ tem na coleção "Famílias" várias cartas reproduzidas das originais que se encontram no Arquivo Público de Chemnitz na Alemanha e nestes documentos epistolares Ottokar também imprimiu suas marcas.

No Arquivo encontramos fragmentos de múltiplas memórias, vestígios de um tempo pretérito. As fontes, como infere Pesavento, "são indícios daquilo que ocorreu um dia". Assim, esperamos que esta exposição possibilite, além de conhecer - ainda que de maneira lacunar - registros documentais de parte do acervo da Instituição, indagar, investigar, decifrar e construir outras histórias a partir dos fundos e coleções do Arquivo Histórico de Joinville.





Il primo è quello di unificare le diverse iniziative che si sono sviluppate in questi anni, in modo da creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il secondo è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il terzo è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il quarto è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il quinto è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il sesto è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il settimo è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. L'ottavo è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il nono è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini. Il decimo è quello di creare un unico punto di riferimento per le imprese e per i cittadini.

*...agora um grande oceano nos separa."

AS CARTAS E A ESCRITA DE S

As cartas são documentos indicadores de um certo modo de escrever e de ler. No século XIX, as práticas de escrita e leitura revelam a consolidação da ascensão da burguesia e da sociedade moderna iniciada no século XVIII. A escrita de si, sobretudo a de caráter íntimo, como uma prática cultural, inspira-se cada vez mais, no século XIX, no conjunto de hábitos das classes letradas na Europa e na América, como uma expressão do individualismo e do romantismo. Nas cartas da burguesia da época, nas palavras de um contemporâneo, é crítico literário François Guizot, Lanson: "O que eu e uma carta: sendo movimentos de alma, instantes de uma vida acalorada pelo próprio estado e fixados no papel".

Dirceu Delfino é o pai de sua primeira filha em 1956, logo depois de conversações com seus familiares e amigos durante mais de 60 anos (1942-1996), tanto durante sua permanência no Asinense como no Brasil. A maioria dessas cartas foi guardada por seus parentes. Atualmente, que por volta da década de 1970 começaram a transpor esse material, entre seus parentes estão a srta. Kátia Delfino Latta, dos EUA. Através de uma notícia de jornal, ela foi, sob o nome de Jo-So-Be, em Juvile e resolveu a partir em contato com o recordador Ely Herkenhoff a quem enviou uma série de tipos das cartas originais e também de transcrições. A sr. Ely por sua vez enviou todo esse material ao Arquivo Histórico de Juazeiro. Quanto às cartas originais, algumas encontram-se atualmente no acervo do Museu do Gaúcho: Museum im Kunstbarrumb der Stadt Gaucha, enquanto a maioria das doadas ao Arquivo Público da Sessão (Schlossers) Stotzkow, em Chemnitz, pelo onç. Günther Kretschmar, também sobrinho-bisneto de Otávio, que as resuscitou, transcreveu e digitalizou.

Nessas cartas, Ottobaker e Ida falam de suas rotinas, suas atividades domésticas, sociais, políticas e profissionais, descrevem a viagem da Alemanha até Joinville, os primeiros e difíceis tempos na nova terra, contam fatos ocorridos em Joinville, no Brasil e na Alemanha, e expressam seus sentimentos e ideias em relação a diferentes aspectos da vida e da sociedade.



Methicillin-resistant strains

For the first time, the company has announced that it will be making a move to a new location. The company is currently located at 1234 Main Street, Suite 500, New York, NY 10001. The new location is at 5678 Broadway, Suite 200, New York, NY 10012. The move is expected to take place in the third quarter of 2001.

2010, which is the first time that the U.S. Census has been able to keep all three low-income groups as homogeneous—and even in the same building and neighborhood. The census requires that all three be in the same place, and that they be in the same place for a long time. It is not clear how long they will stay there, but it is clear that they are not going to be in the same place for a long time. The census is a very important tool for understanding the needs of low-income families, and it is important that we continue to use it to help them.

OTTOKAR DÖRFEL

1818

24 de março: nascimento em Waldenburg, Reino da Saxônia, Alemanha



Conclusão do curso de Direito na Universidade de Leipzig

1842

1846

Casamento com Ida Günther



Iniciado na Maçonaria em Glauchau, no Reino da Saxônia, Alemanha
Eleito prefeito da cidade de Glauchau

1848

1849

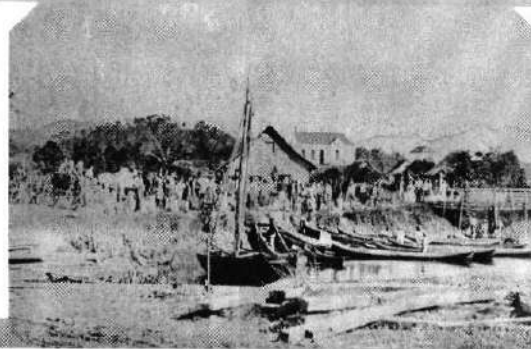
Condenado por alta traição pela sua participação nos movimentos revolucionários

É absolvido das acusações

1852

1854

Emigra com a esposa para o Brasil, onde se estabelece na
Colônia Dona Francisca, atual cidade de Joinville

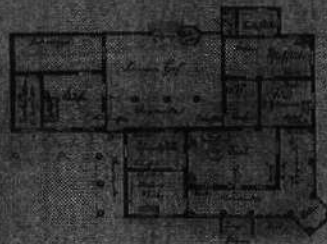


OTTOKAR DÖRFELL

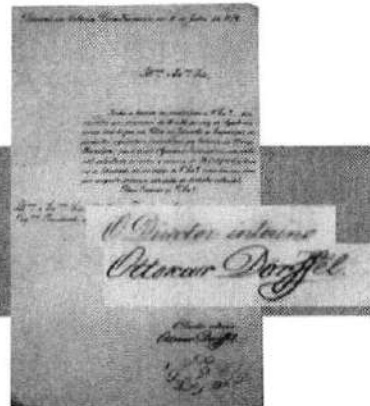


Lança o jornal "Kolonie – Zeitung" 1862

1864 Mudança para a nova casa (atual Museu de Arte)



1873 Assume a Direção da Colônia Dona Francisca



Nomeado cônsul do Império Alemão 1871

Eleito vereador e presidente da Câmara Municipal, equivalente ao cargo atual de prefeito 1874

1889 Falecimento da esposa Ida



Morre Ottokar a 12 de novembro em Joinville 1906

A VIAGEM

Milhões de europeus no século XIX tomaram a difícil decisão de deixar seu lar de origem e atravessar o oceano em busca de uma vida melhor. Entre eles, estavam Ottokar Dörffel e sua esposa Ida. Juntamente com outras famílias da região da Saxônia, no leste da Alemanha, encararam o enorme desafio de cruzar o oceano Atlântico em direção a uma terra completamente desconhecida. A dolorosa despedida dos amigos e entes queridos ocorreu ainda na cidade de Glauchau em setembro de 1854. O longo trecho de aproximadamente 400 km até o porto de Hamburg foi feito de carroça e trem. A viagem do navio Florentin até o porto de São Francisco do Sul levou cerca de 50 dias e foi uma das mais trágicas, pois morreram à bordo 35 passageiros, a maioria na epidemia de cólera. Em uma carta, Dörffel descreve a situação à bordo:

"A vida no navio oferecia os maiores contrastes. Na entrecoberta ouvíamos os constantes gemidos e suspiros dos doentes; em cima, nas cabines, quando o tempo melhorava, havia vida. Aí frequentemente se jogava cartas, dançava e tocava enquanto embaixo, ou seja, no deck, era trazido um corpo que, debaixo de cantos e um sermão (que o Trinks fazia) era atirado ao mar...A situação à bordo durante a tempestade é indescritível. A maioria dos passageiros ficou enjoada em seus beliches, o que atingiu seu ponto máximo. Baús e caixas, louças e outras coisas iam de um lado pro outro na entrecoberta. Nas cabines os pratos e talheres voavam das mesas, de maneira que da última vez comemos no chão." (carta à sua mãe, de 1º/12/1854)





Algumas das primitivas construções da Colônia Dona Francisca, entre as quais a casinha onde moraram inicialmente Ottokar e Ida Dörfel (bem ao centro, embaixo), comprada em 1854 de um colono suíço ("Schweizer"). Desenho de Theodor von Rodowicz, militar alemão imigrado em 1851, inserido em sua obra sobre a Colônia Dona Francisca, publicada em Hamburgo em 1853.

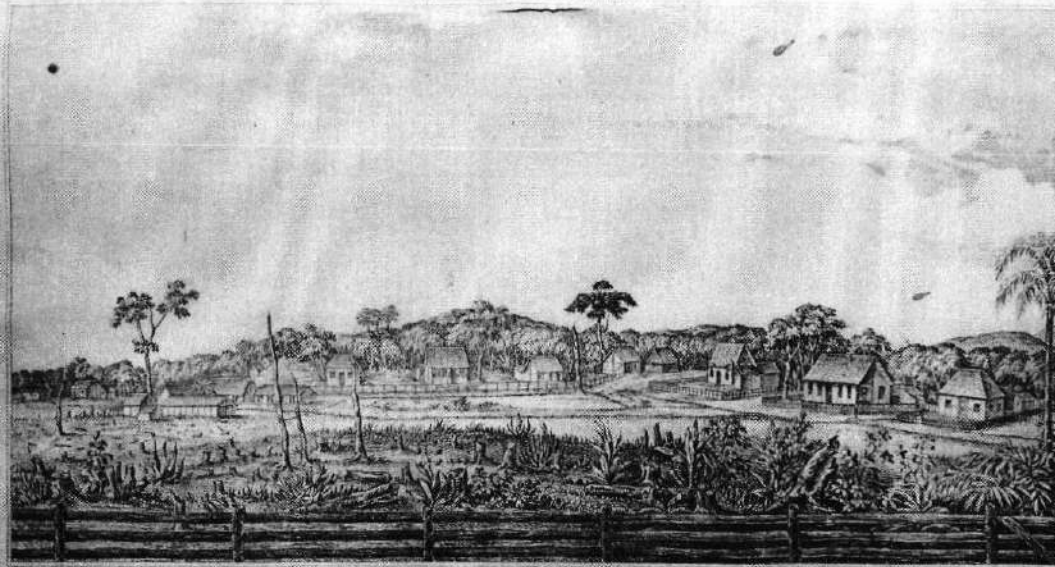


Residência de Ottokar Dörfel, vendo-se o proprietário à esquerda. Época: 1905. Coleção Memória Iconográfica.



Schrödersort (Joinville)

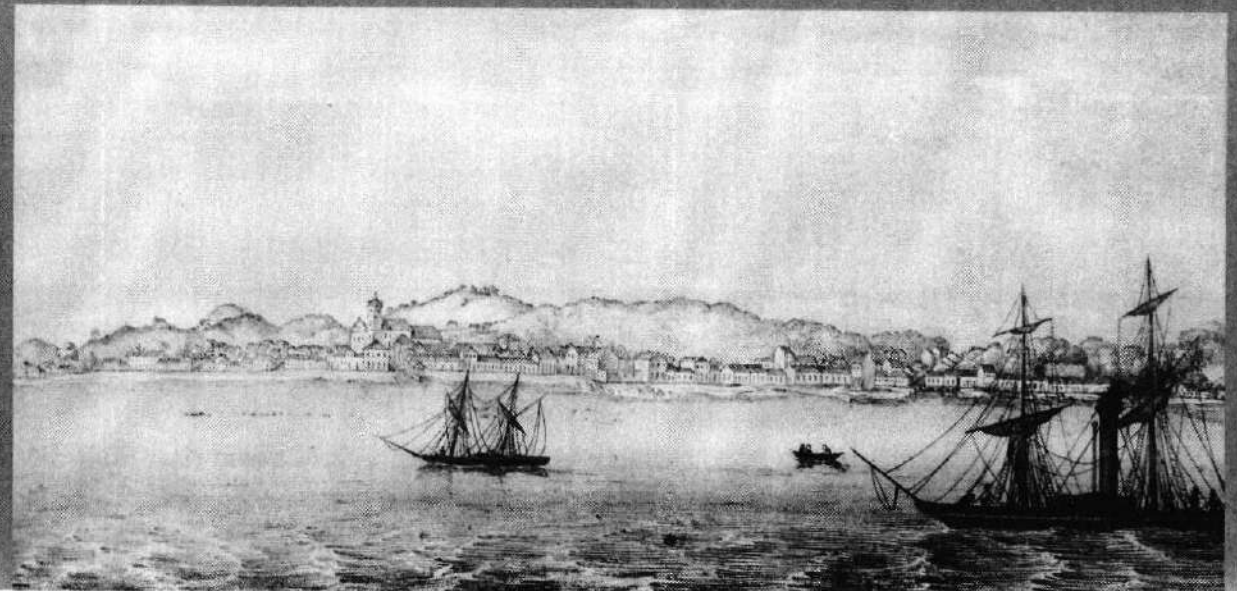
von Balhorn, die & Hotel Blumen aus gesehen



Acht. Dinsten. Gebirge. Neue Directionshaus. v. Wackerberg. Heeren. Stiefel. Straße. Bueche. H. Kella

Um panorama do centro da Colônia Dona Francisca, inicialmente denominado Schrödersort e depois Joinville. Vemos bem à esquerda (aproximadamente onde hoje está o terminal urbano de ônibus) o barracão chamado de Casa de Recepção, onde ficavam alojados os imigrantes durante os primeiros dias ou semanas. Desenho de Theodor von Rodowicz, militar alemão imigrado em 1851, inserido em sua obra sobre a Colônia Dona Francisca, publicada em Hamburgo em 1853.

O porto e a cidade de São Francisco do Sul. Desenho de Theodor von Rodowicz, militar alemão imigrado em 1851, inserido em sua obra sobre a Colônia Dona Francisca, publicada em Hamburgo em 1853.



Capa do número piloto do jornal Kolonie – Zeitung, 20 de Dezembro de 1862. Acervo Bibliográfico - Periódico.



Jahr 1.

Sonnabend, den 20. December 1862.

Probennummer.

Preis des Jahrgangs
zu 1200 Mark
in 12 Heften.
Preis des Quartals
zu 300 Mark
in 3 Heften.
Preis des Monats
zu 100 Mark
in 1 Heft.

Colonie-Zeitung

und Anzeiger für
Dona Francisca und Blumenau.

Anzeigen werden
beschieden mit 150
Mark für die erste
Zeile, 120 Mark
für die zweite,
100 Mark für die
dritte, 80 Mark für
die vierte, 60 Mark
für die fünfte, 40
Mark für die sechste,
30 Mark für die
siebte, 20 Mark für
die achte, 10 Mark
für die neunte, 5
Mark für die zehnte,
3 Mark für die
elfte, 2 Mark für
die zwölfte, 1 Mark
für die dreizehnte,
0,50 Mark für die
vierzehnte, 0,25
Mark für die
fünfzehnte, 0,15
Mark für die
sechzehnte, 0,10
Mark für die
siebzehnte, 0,05
Mark für die
achtzehnte, 0,02
Mark für die
neunzehnte, 0,01
Mark für die
zwanzigste.

Verantwortlicher Herausgeber: D. Dörffel in Joinville.
Erscheinung des Colonie-Jahrgangs: in Joinville N. 6. unter der Leitung Robert Kistler.

Vaterland! welch' hoher Jubel ruft in diesem Namen und wie sehr und erweitert sich die Brust bei diesem Klang. — aber wie wehnüßige Empfindungen kühlen sich für uns an denselben!

Das wahre Vaterland mit den lieblichen Erinnerungen unserer Jugend, mit Allem, was uns durch Erziehung und Gewöhnung lieb und theuer geworden war. — haben wir verlassen; weit, unendlich weit liegt es hinter uns, und wahrscheinlich für alle Zeiten sind wir getrennt von demselben. Und das neue Land, in welchem wir unsern Wohnsitz aufgeschlagen und an welches wir unsere Existenz gebunden haben? — Dieses neue Land will uns noch nicht heimlich werden, es scheint ihm noch nicht ernst zu sein, und als seine ersten Kinder anzuerkennen, und je inniger wir uns an dasselbe anschließen versuchen, um so fremdartiger werden wir nicht selten abgehoben, um so gewaltiger regt sich dann aber die Sehnsucht nach dem alten, unvergessenen Heimathlande, das uns freilich auch schon aus den Augen verloren und vergessen hat. Dennoch, eine müßige und trostlose Lage, in der wir, gleich Heimatlosen, so zu sagen nicht mehr wissen, wem wir angehören!

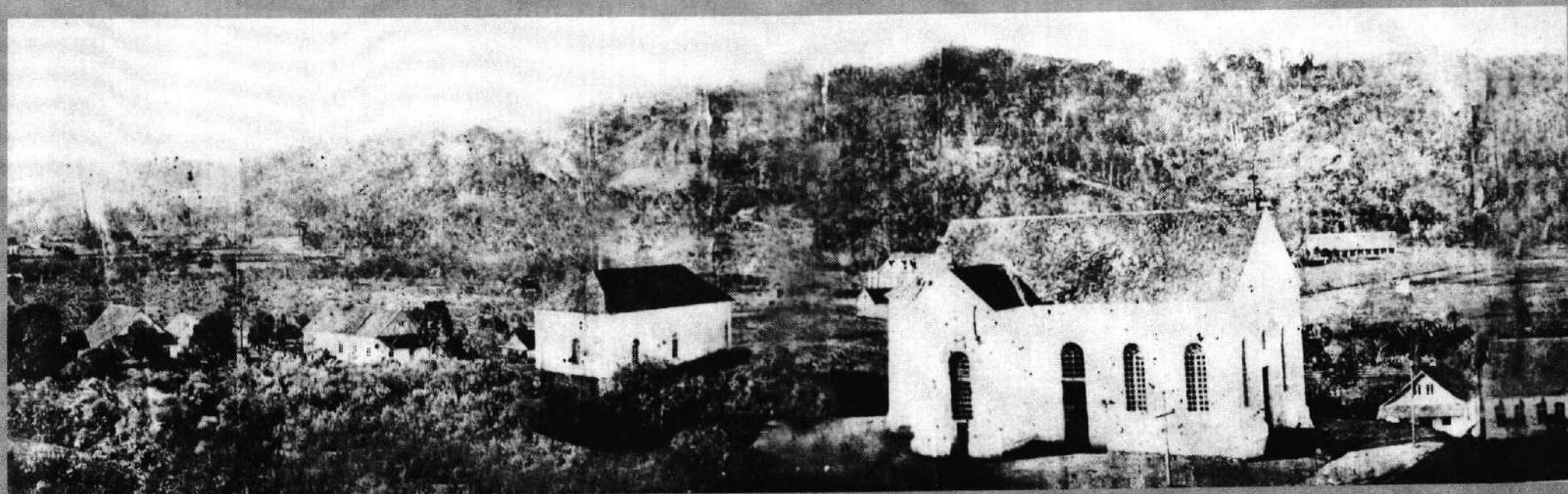
Doch nein, genügte dieser! Eben diese Lage kann für uns eine recht glückliche werden, wenn wir dabei es vor Allem an uns selbst nicht fehlen lassen. Bei eifrigem Willen und beharrlichem Streben wird es uns gelingen, die Beziehungen zum alten Vaterlande, soweit sie abgebrochen waren, wieder anzuknüpfen, soweit sie gelöst waren, neu zu befestigen und allgemein immer lebendiger zu gestalten, somit das alte Vaterland gewissermaßen bis zu uns herüber zu verschieben, und uns, wenn auch nicht räumlich, so doch geistig mit demselben wieder zu verschmelzen. Und eifriges und beharrliches Streben in entschiedenem Sinne und Geiste wird es uns aber auch gelingen, die Leitung und Führung des neuen Vaterlandes zu gewinnen und unsere Beziehungen zu ihm immer freundschaftlicher und begünstigender zu gestalten. Dann wird uns gewiss zu Theil werden, was wir während dieses einsamen Bestehens so sehr nach uns gezogen haben: wenn wir nicht das Glück haben, nach uns gezogen zu werden, dann die Theilnahme der Menschen und Völker zu ihrem Besten.

Der Wunsch nun, das alle die deutschen Auswanderer, welche sich das süßliche Brasilien und besonders die Provinz São Catharina zum Ziele ihrer Ansiedlung wählten, hier auch wirklich ein neues Vaterland gewinnen, dabei aber das alte Vaterland nicht verlassen möchten. — diesen Wunsch gab die erste Begründung, das vorliegende Blatt in's Leben zu rufen. Dasselbe will daher vor Allem den Colonisten mit den Zuständen und Verhältnissen, welche ihnen zunächst liegen und ihn umgeben, bekannt und vertraut machen. Denn so lange diese ihm neu und fremd sind, so lange er sich in ihnen nicht zurechtfindet und sie gehörig zu benutzen weiß, so lange wird er sich darin nie wohl und heimlich fühlen. In dieser Hinsicht wird es die nächste Aufgabe sein, einerseits das jedem Ankommenden fast durchgängig neue Gebiet der Haus- und Völkereconomie, sowie der landwirtschaftlichen Gewerbe zu durchforschen und andrerseits, nützliche Kenntnisse, praktische Erfahrungen und neue Entdeckungen darin zu sammeln und mitzutheilen und durch sorgfältige Förderung derselben belehrend und anregend zu wirken; — andererseits über Rechte und Pflichten des Landes, namentlich über alle auf Colonisation oder auf die sociale Stellung der Colonisten bezüglichen Bestimmungen und Verfügungen der Landesregierung, und insbesondere über die lokalen, municipalen und provincialen Gesetze und Einrichtungen, soweit der Colonist davon Kenntnis und Aufklärung zu verbreiten. Dabei wird das Blatt die Interessen der Colonisten nach Kräften zu wahren bemüht sein und nicht verfehlen, Mängel der Colonisation aufzuzeigen, Fortschritte zu deren Abhilfe zu erörtern, alles Gemeinnützige zu fördern, Gemeenschädliches zu bekämpfen und, wo es gerechtfertigt zu sein scheint, solchen freiwillig auszusprechen, letzteres jedoch niemals, um Unmuth und Erbitterung zu erregen, sondern lediglich um zu nützen und das Beste zur Geltung zu bringen.

Wie auf solche Weise den Colonisten Gelegenheit geboten wird, mit dem, was ihm zunächst liegt, sich bekannt und vertraut zu machen, so soll er auch über die Bewegung und Entwicklung des Menschen- und Völkerebens im Allgemeinen in Kenntnis erhalten werden. In diesem Zwecke wird das Blatt eine fortlaufende getragene, aber möglichst freie Uebersicht der wichtigsten Weltbegebenheiten und namentlich der beiderseitigen europäischen Tagesereignisse bringen, wobei es die Grundsatzregel und Gehaltung der Väter deutscher Sprache und Zeit ganz besonders im Auge behalten und darauf bedacht sein wird, in den Colonisten das Interesse für das alte Heimatland immer mehr und aufrecht zu erhalten. Angenehm soll es aber auch über die Entwicklung und Gestaltung der heutigen Colonialstaaten verlaufend getreulich Kunde geben, um durch solche wechselseitige in alten Vaterlande Theilnahme und Interesse für die heiligen Colonisten zu werden, damit das alte Vaterland nicht mehr, wie es früher leider der Fall war, seine ausgemauerten Landesränder wie versteinerte Schale betrachte und sie sich selbst in ihrem Schicksale überlasse, sondern vielmehr eine reiche, wie durch sie dem Mutterlande neue Abgabewege eröffnet, frische Bewegungspunkte aufzuheben, erweiterte Handelsbeziehungen angebahnt und bessere Grundlagen zu Gedeihen und Wohlfahrt geschaffen werden können.

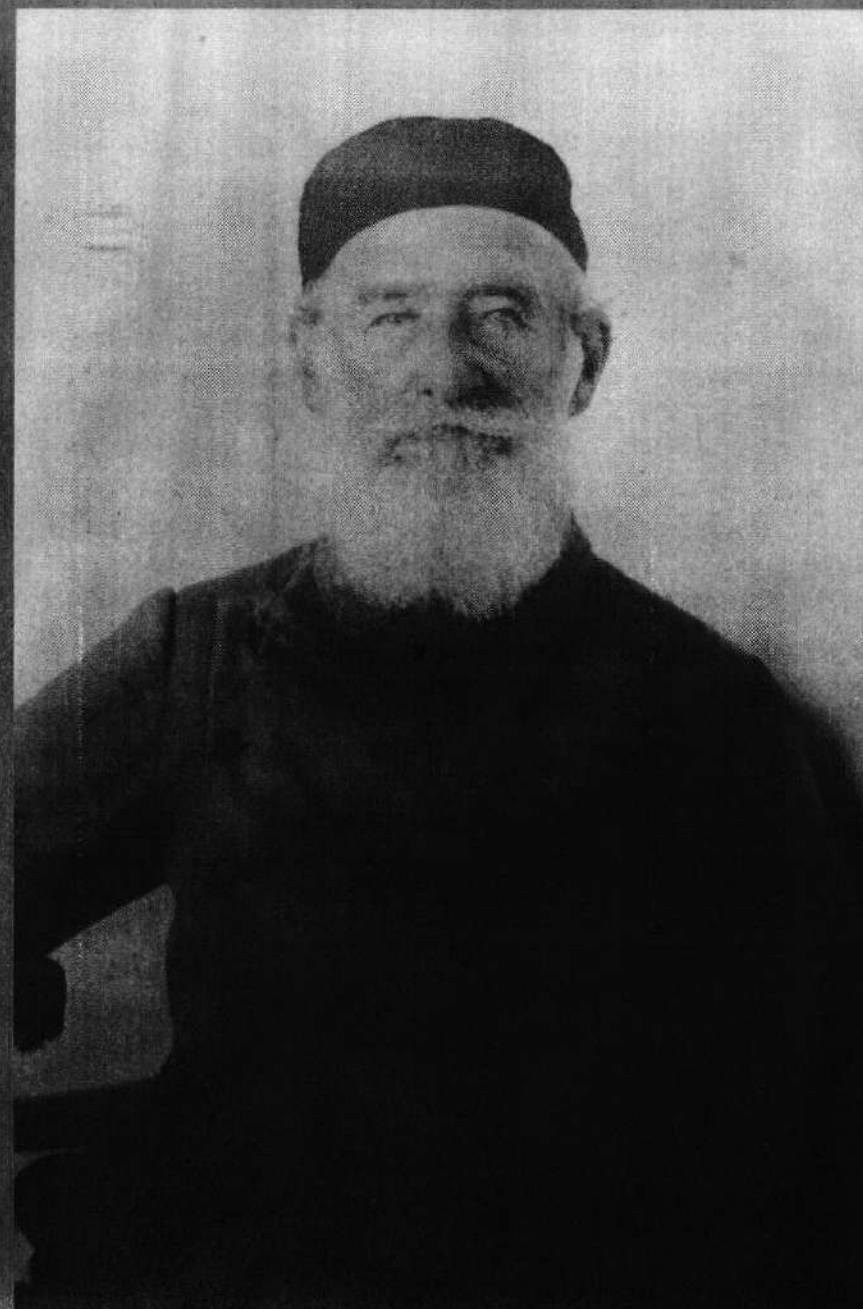
Neben dem angezeigten allgemeinen Zwecke hat das vorliegende Blatt noch die besondere Bestimmung, für die Colonien

Verantwortlicher Herausgeber: D. Dörffel in Joinville.



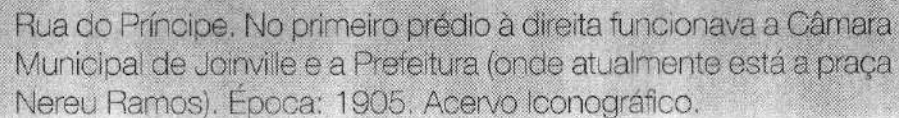
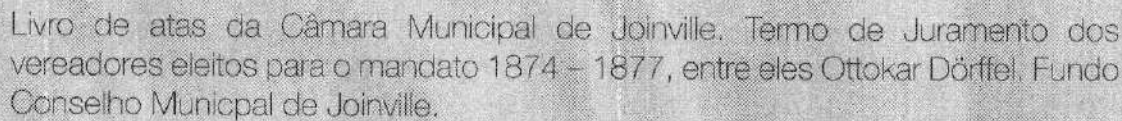
Lado a lado, os templos católico (à direita) e maçônico (à esquerda), onde atualmente está a Catedral Diocesana de Joinville. Ao fundo, o morro do Boa Vistá. Época: por volta de 1870. Acervo Iconográfico.





Ottokar Dörffel. Época: por volta de 1900.
Acervo Iconográfico.





106. <i>Wahlh. Hof</i>	106. <i>Wahlh. Hof</i>
107. <i>Wahlh. Hof</i>	107. <i>Wahlh. Hof</i>
108. <i>Wahlh. Hof</i>	108. <i>Wahlh. Hof</i>
109. <i>Wahlh. Hof</i>	109. <i>Wahlh. Hof</i>
110. <i>Wahlh. Hof</i>	110. <i>Wahlh. Hof</i>
111. <i>Wahlh. Hof</i>	111. <i>Wahlh. Hof</i>
112. <i>Wahlh. Hof</i>	112. <i>Wahlh. Hof</i>
113. <i>Wahlh. Hof</i>	113. <i>Wahlh. Hof</i>
114. <i>Wahlh. Hof</i>	114. <i>Wahlh. Hof</i>
115. <i>Wahlh. Hof</i>	115. <i>Wahlh. Hof</i>
116. <i>Wahlh. Hof</i>	116. <i>Wahlh. Hof</i>
117. <i>Wahlh. Hof</i>	117. <i>Wahlh. Hof</i>
118. <i>Wahlh. Hof</i>	118. <i>Wahlh. Hof</i>
119. <i>Wahlh. Hof</i>	119. <i>Wahlh. Hof</i>
120. <i>Wahlh. Hof</i>	120. <i>Wahlh. Hof</i>
121. <i>Wahlh. Hof</i>	121. <i>Wahlh. Hof</i>
122. <i>Wahlh. Hof</i>	122. <i>Wahlh. Hof</i>
123. <i>Wahlh. Hof</i>	123. <i>Wahlh. Hof</i>
124. <i>Wahlh. Hof</i>	124. <i>Wahlh. Hof</i>
125. <i>Wahlh. Hof</i>	125. <i>Wahlh. Hof</i>
126. <i>Wahlh. Hof</i>	126. <i>Wahlh. Hof</i>
127. <i>Wahlh. Hof</i>	127. <i>Wahlh. Hof</i>
128. <i>Wahlh. Hof</i>	128. <i>Wahlh. Hof</i>
129. <i>Wahlh. Hof</i>	129. <i>Wahlh. Hof</i>
130. <i>Wahlh. Hof</i>	130. <i>Wahlh. Hof</i>
131. <i>Wahlh. Hof</i>	131. <i>Wahlh. Hof</i>
132. <i>Wahlh. Hof</i>	132. <i>Wahlh. Hof</i>
133. <i>Wahlh. Hof</i>	133. <i>Wahlh. Hof</i>
134. <i>Wahlh. Hof</i>	134. <i>Wahlh. Hof</i>
135. <i>Wahlh. Hof</i>	135. <i>Wahlh. Hof</i>
136. <i>Wahlh. Hof</i>	136. <i>Wahlh. Hof</i>
137. <i>Wahlh. Hof</i>	137. <i>Wahlh. Hof</i>
138. <i>Wahlh. Hof</i>	138. <i>Wahlh. Hof</i>
139. <i>Wahlh. Hof</i>	139. <i>Wahlh. Hof</i>
140. <i>Wahlh. Hof</i>	140. <i>Wahlh. Hof</i>
141. <i>Wahlh. Hof</i>	141. <i>Wahlh. Hof</i>
142. <i>Wahlh. Hof</i>	142. <i>Wahlh. Hof</i>
143. <i>Wahlh. Hof</i>	143. <i>Wahlh. Hof</i>
144. <i>Wahlh. Hof</i>	144. <i>Wahlh. Hof</i>
145. <i>Wahlh. Hof</i>	145. <i>Wahlh. Hof</i>
146. <i>Wahlh. Hof</i>	146. <i>Wahlh. Hof</i>
147. <i>Wahlh. Hof</i>	147. <i>Wahlh. Hof</i>
148. <i>Wahlh. Hof</i>	148. <i>Wahlh. Hof</i>
149. <i>Wahlh. Hof</i>	149. <i>Wahlh. Hof</i>
150. <i>Wahlh. Hof</i>	150. <i>Wahlh. Hof</i>

Lista dos passageiros do navio hamburguês Florentin, desembarcados no porto de São Francisco do Sul em 20 de novembro de 1854. Ottokar e Ida Dörfel aparecem com os n°s 79 e 80. Ao lado dos nomes dos 35 falecidos a bordo, aparece uma cruz e a data do falecimento, anotados pelo diretor da Colônia Dona Francisca, von Frankenberg, que assina o documento juntamente com Leonce Aubé, representante do príncipe e da princesa de Joinville. Coleção Memória da Cidade

Verzeichnis									
der Passagiere welche mit dem Hamburgischen Schiffe Florentin									
Capitän C. B. Frankenberg nach Nova Friburgo in Brasilien									
im Auftrage des Reichs durch Unterzeichneten eingepflegt sind									
Nr.	Vor- und Nachname des Passagiers	Geburts- und Geburtsort	Religion	Alter	Sex	Bemerkungen	Nr.	Vor- und Nachname des Passagiers	Geburts- und Geburtsort
1.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		16.	Adolph, C.	Hamburg
2.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		17.	Adolph, C.	Hamburg
3.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		18.	Adolph, C.	Hamburg
4.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		19.	Adolph, C.	Hamburg
5.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		20.	Adolph, C.	Hamburg
6.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		21.	Adolph, C.	Hamburg
7.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		22.	Adolph, C.	Hamburg
8.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		23.	Adolph, C.	Hamburg
9.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		24.	Adolph, C.	Hamburg
10.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		25.	Adolph, C.	Hamburg
11.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		26.	Adolph, C.	Hamburg
12.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		27.	Adolph, C.	Hamburg
13.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		28.	Adolph, C.	Hamburg
14.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		29.	Adolph, C.	Hamburg
15.	Adolph, C.	Hamburg	Evangelisch	37	M.		30.	Adolph, C.	Hamburg

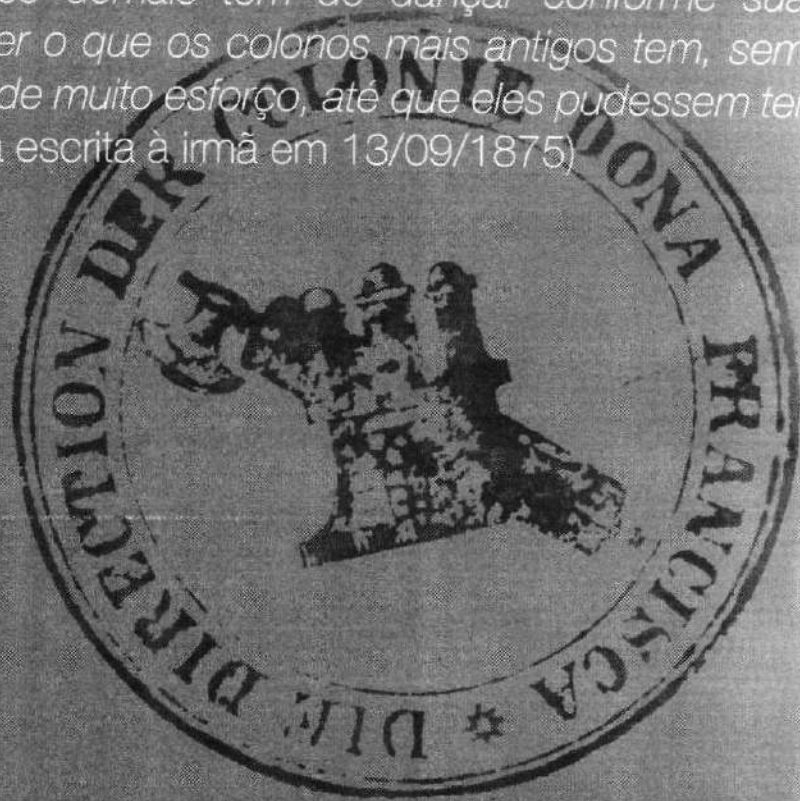
Lista dos passageiros embarcados no porto de Hamburgo, Alemanha no navio Florentin em 30 de setembro de 1854. Ottokar e Ida Dörfel aparecem com os n°s 14 e 15. Coleção Memória da Cidade.



A ADMINISTRAÇÃO DA COLÔNIA

Logo após a sua chegada no final de 1854, Dörffel assumiu a função de secretário e tesoureiro da Direção da Colônia Dona Francisca, que representava os interesses da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, dona do empreendimento colonial. Com a morte de Louis Niemeyer em 1873, ele ocupou o cargo de diretor da Colônia até 1876. Durante esse período, Dörffel iniciou a ocupação das terras que formavam a nova Colônia (atual cidade) São Bento, com imigrantes alemães e sobretudo austríacos, da região da Boêmia. Sobre sua nova função, Dörffel se expressou em uma carta à irmã:

"Desde o início de 1873 exerço como substituto o cargo de diretor da Colônia juntamente com o de tesoureiro... Raramente o dinheiro é suficiente para executar tudo o que o diretor precisa, e além da atual imigração, corroída pelo câncer socialista, aquilo que é colocado como sua responsabilidade, quando ele falha, torna a sua função muito difícil. Muitos dos que chegam acreditam que logo que põem os pés aqui se tornarão senhores, e que os demais tem de dançar conforme sua vontade. Eles querem logo ter o que os colonos mais antigos tem, sem refletir que isso é o resultado de muito esforço, até que eles pudessem ter algo mais organizado." (Carta escrita à irmã em 13/09/1875)



AS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS

Durante os mais de 50 anos em que viveu em Joinville, Ottokar Dörffel participou intensamente da vida comunitária, como fundador, co-fundador ou membro de inúmeras associações de caráter cultural, educacional, religioso, filantrópico.

Em 1855, logo após a sua chegada, ajudou a fundar a "Cultur – Verein", uma sociedade que visava auxiliar os colonos nas atividades e técnicas agrícolas, além de disponibilizar uma biblioteca e sala de leitura. Dörffel foi seu presidente até 1858.

Ainda nesse mesmo ano, participa da criação da "Associação dos Proprietários" (Verein der Grundbesitzer) sendo eleito para a sua diretoria ("Vertreterschaft"), que era responsável pela cobrança de impostos para manutenção de estradas, pontes e ruas.

Em 1858, funda com outros amigos um grupo de canto, "Sängerbund" (Liga de Cantores) e uma sociedade beneficente, "Zur Brüderlichkeit" (À Fraternidade) destinada a ajudar financeiramente os seus membros, as viúvas e filhos.

Também em 1858, ajuda a fundar a primeira sociedade teatral de Joinville: a "Harmonie – Gesellschaft" (atual Harmonia – Lyra), da qual foi diretor artístico por quase 30 anos.

Nessa mesma época, Dörffel faz parte ainda da Diretoria da Comunidade Evangélica de Joinville.

Em 1866, ajuda a fundar a "Schulverein" (Associação Escolar), da qual surgirá a "Deutsche Schule" (Escola Alemã).



A CASA

A casa onde Dörrfel residiu até a sua morte em 1906, foi construída em 1864. Ele mesmo a projetou, assim como o entorno, com jardins, lagos, pomares, para ser uma espécie de santuário ou templo. Certamente em função disso possui características bastante peculiares, incomuns para construções daquele período no Brasil. Inúmeros elementos arquitetônicos e símbolos inscritos na residência apontam nesse sentido. Os dizeres em alemão em uma placa afixada numa das paredes externas avisam os visitantes: "No lar e no coração, haja sempre liberdade, paz, devoção". Na entrada principal foi colocada em alto relevo a flor da acácia, indicando a ligação do proprietário com a Maçonaria e a relevância que a mesma tinha em sua vida. A arquitetura da residência é eclética e contém elementos que remetem ao medievalismo (ex.: arcos ogivais) e ao classicismo (colunas coríntias). O porão, que deveria servir de adega, divide-se em vários ambientes, que lembram pequenas câmaras ou templos, com suas abóbadas de tijolos aparentes, cuidadosamente colocados de maneira a formarem desenhos geométricos e darem equilíbrio e sustentação a casa. Um trabalho verdadeiramente artístico, que só poderia ser executado por mestres de ofício. Os fundamentos da construção compõem-se de pedras brutas e as paredes são muito espessas. Havia ainda algumas construções anexas, como uma olaria, garagem para carroças, cavalariças, além de poços que ainda podem ser vistos nos fundos da casa.

O entorno da residência foi projetado por Dörrfel para servir como um outro templo, este dedicado à Natureza. Nos jardins ele plantou roseiras e camélias, árvores frutíferas como laranjeiras e ainda instalou colméias. Frequentemente ele passeava pelos jardins e escalava o morro vizinho à casa, que ele denominou de "Charlottenberg", em homenagem à sua mãe. Ali ele repousava e ficava a meditar e contemplar a Natureza em volta. Não por acaso a residência era conhecida como "Schlösschen" (Castelinho) e chamava a atenção não apenas dos moradores de Joinville, mas também de visitantes estrangeiros. Um deles, o jornalista alemão Hugo Zöller, elogia em seu livro publicado na Alemanha em 1883 as belas residências da cidade, entre as quais "o sítio do cônsul Dr. Dörrfel, cercado por lagos artificiais e esplêndidos jardins".

Dörrfel não deixou filhos e após sua morte, a propriedade passou para as mãos da Família Barthol, imigrada da Alemanha em 1886, que ali já trabalhava e cuidava dele, de quem eram aparentados. Na década de 1930, o comerciante Affonso Lepper, também aparentado com Dörrfel, a adquiriu e ali residiu com a família. É desse período uma pequena ampliação do imóvel no lado norte. Em 1973 a casa é desapropriada pela Prefeitura Municipal de Joinville, para adequar-se como sede do Museu de Arte de Joinville, inaugurado após reformas em 3 de setembro de 1976.



A CHEGADA

O primeiro contato dos imigrantes com a nova terra provocava as mais diversas reações. Felicidade e euforia, após quase dois meses à bordo, em condições muitas vezes precárias, curiosidade e espanto, diante de uma paisagem, cultura e pessoas muito diferentes e estranhas, e por fim, decepção, raiva e descontentamento por se sentirem enganados, pois não encontravam uma cidade pronta, bonita, com uma boa infra-estrutura, como a propaganda dos agentes e sociedades colonizadoras prometiam. Tudo isso Ottokar expressa em suas primeiras cartas escritas aqui no Brasil:

"Você poderá fazer uma ideia da satisfação geral à bordo, quando a 19 de novembro apareceram algumas aves terrestres, anunciando a proximidade da costa brasileira... Foi uma satisfação observar como o nosso comandante soube manobrar o navio na entrada da barra de São Francisco-entrada esta um tanto difícil de ser vencida. E após curta viagem ao longo da costa verdejante, lançou a âncora no porto. No dia seguinte visitamos São Francisco. Por mais graciosa que a cidade se estenda à beira-mar, o seu interior se apresenta antipático e desolador aos olhos do europeu. As casas em sua maioria não possuem janelas, lembrando órbitas de esqueletos. As ruas estreitas são cobertas de grama, as casas jazem, em parte, como ruínas..." (Carta escrita à mãe em 12/03/1855)

O estado em que encontramos a Colônia Dona Francisca, não correspondia às nossas expectativas. Os mantimentos são tão caros quanto na Alemanha, os salários do pessoal são muito altos quando se precisa imediatamente dos serviços, e alugar uma casa nem pensar. Tivemos que nos alojar com os demais na Casa de Recepção, e ali recebemos um cômodo de 6 côvados quadrados (NT: cerca de 9m²), com o que nenhuma vaca na Alemanha se contentaria. Ali estávamos direto no chão de terra; assoalho nem se cogitava; faltava o forro e escutávamos na vizinhança brigas contínuas de pessoas rudes e berros de crianças; um simples telhado de folhas protegia da chuva; uma estrutura de ripas de palmito servia de armazém...Nesse buraco tínhamos como moradores baratas, pulgas, centopeias e outras pragas e além disso é tão úmido, que as roupas que colocamos à noite, de manhã estão molhadas e pesadas. Com tempo bom, tudo é suportável, mas com clima chuvoso é melancólico." (Carta escrita à mãe em 1º/12/1854)



O JORNAL

Logo após a sua chegada à Joinville, Ottokar Dörffel começou a tratar da instalação de uma tipografia na colônia. Uma primeira tentativa teve um fim inesperado, quando o navio que trazia a prensa da Alemanha naufragou em São Francisco do Sul em 1858. Já em seguida, Dörffel encomendou outro maquinário da Alemanha e dessa vez conseguiu instalar sua tipografia. No final de 1862 era lançado o número piloto do jornal Kolonie – Zeitung. Anzeiger für Dona Francisca und Blumenau (Jornal da Colônia. Indicador para Dona Francisca e Blumenau), que circulou até 1942. O Kolonie foi um dos primeiros e maiores jornais em língua alemã do Brasil. Chegou a contar com 3.500 assinantes e tinha agentes na região e na Alemanha. Durante as Guerras Mundiais, o jornal sofreu censura e teve que ser publicado em português.

Dörffel ficou na redação do jornal até 1871, quando assumiu seu amigo, o também advogado Carl Julius Parucker. No ano seguinte, decidido a voltar para a Alemanha, Dörffel vendeu o jornal ao tipógrafo Carl Wilhelm Boehm. A família Boehm dirigiu o negócio até o fechamento, em 1942. O periódico inicialmente saía uma vez por semana, e depois duas vezes. Trazia notícias locais, nacionais e internacionais, anúncios e classificados. Adotava uma linha fortemente germanista, e até mesmo organizava campanhas para ajudar a Alemanha em seu esforço de guerra.



A MAÇONARIA

Ottokar Dörffel foi a principal liderança da Maçonaria joinvilense no século XIX. Sua ligação com essa instituição porém começou ainda na sua terra natal, onde foi iniciado em 1848 na Loja "Zur Verschwisterung der Menschheit" (Para a Imanização da Humanidade) de Glauchau. Em Joinville, tornou-se membro em 1855 da Loja "Deutsche Freundschaft zum Südlichen Kreuz" (Amizade Alemã ao Cruzeiro do Sul), da qual foi Venerável Mestre inúmeras vezes. Além de Dörffel, muitas outras lideranças da cidade pertenciam à Maçonaria, que desde os anos iniciais da colonização assumiu um papel de protagonista na sociedade local. Por outro lado, essa posição era ameaçada pelos seus inimigos declarados, entre os quais o padre Carlos Boegershausen, que tentou impedir a construção do templo maçônico exatamente ao lado do templo católico. Reproduziram-se aqui os conflitos e tensões que ocorriam na Europa entre as duas instituições. Em uma carta de 1867 à sua irmã, Dörffel assim se manifesta em relação à essa situação:

"Mesmo nas relações sociais, tive que suportar (e ainda suporto) muitas lutas difíceis. Maçons e jesuítas são irreconciliáveis. Ambos estão presentes aqui na nossa colônia. Eu estava à frente dos primeiros, e por causa disso as maquinações secretas dos jesuítas daqui, liderados pelo padre Bögershausen, sempre eram dirigidas contra mim. Os jesuítas se beneficiam da sua natureza astuta, sua esperteza, sua hipocrisia e adulação com grande energia e resistência e é necessário usar todas as forças para evitar ser envolvido por eles; devemos sempre estar alertas e nunca descansar ou se acomodar. Não há muitos autênticos maçons, nos quais encontramos apoio contra essas maquinações; a maioria ainda tem muitas das fraquezas que o egoísmo e o jesuitismo podem facilmente manipular. Os Irmãos maçons daí não tem quase nenhuma idéia dessas condições, contra as quais temos que lutar por aqui."

Dörffel manteve contato até o fim da vida com maçons da Europa e publicava artigos e notícias em conceituados periódicos alemães. Sua admiração pela Maçonaria pode ser medida pela quantidade de símbolos, elementos arquitetônicos e decorativos que inseriu em sua residência, concebida por ele para ser um verdadeiro templo sagrado, dedicado às virtudes.



OTTOKAR DÖRFFEL

Ottokar Dörffel nasceu em Waldenburg, região da Saxônia na Alemanha em 24 de março de 1818, filho de um funcionário público da Justiça. Depois de frequentar o ensino elementar e o ginásio na sua cidade natal, seguiu para Leipzig, onde formou-se em Direito pela Universidade local. Atuou por algum tempo como funcionário da Justiça em pequenas cidades da região e em 1848 tornou-se prefeito de Glauchau, cidade na época com cerca de 10 mil habitantes e localizada na Saxônia, então importante centro industrial e têxtil. Foi acusado de traição por ter se envolvido nas revoltas liberais contra o governo absolutista, sendo no entanto absolvido, fazendo sua própria defesa. Dörffel porém ficou descontente com os rumos que a situação política e social em sua terra natal estava tomando e decidiu imigrar com sua esposa Ida em 1854.

Na então recém-criada Colônia Dona Francisca ele adquiriu uma propriedade no chamado "Mittelweg" (Caminho do Meio, atual Rua XV de Novembro), afastado do centro, com uma pequena e primitiva casa.

Dörffel tornou-se uma das mais proeminentes figuras de Joinville; foi co-fundador, dirigente e membro de inúmeras associações locais: de teatro, de ginástica, de canto, da Maçonaria, da Escola e da Igreja Evangélica, fundou e editou o principal jornal de Joinville, o "Kolonie-Zeitung", além de ter exercido os cargos de cônsul alemão, diretor da Colônia, vereador e prefeito da cidade.

Como consequência dessas atividades, Dörffel tornou-se uma figura muito conhecida e bem-quista em Joinville. Frequentemente apareciam pessoas para pedir-lhe conselhos, desde humildes colonos até autoridades. Quando adoeceu gravemente em 1870, parentes e amigos, juntamente com sua esposa se revezaram para cuidar dele.

De acordo com o relato de Ida Dörffel, todos os dias cerca de 20 a 30 pessoas vinham visitá-lo.

Ottokar faleceu em 18 de novembro de 1906, aos 88 anos. Está sepultado ao lado da esposa no antigo Cemitério Protestante de Joinville, atual Cemitério do Imigrante.



A POLÍTICA

Ottokar Dörffel teve uma atividade política bastante intensa, tanto na Alemanha como no Brasil. Ainda durante o curso de Direito na Universidade de Leipzig, envolveu-se com o movimento estudantil, conhecido como "Burschenschaft". Em 1848, foi eleito prefeito da cidade de Glauchau, e nessa condição, participou do movimento revolucionário que então assolava a Europa. Ottokar porém, alinhava-se muito mais com as ideias de centro – esquerda daquele período, que combatiam o absolutismo e defendiam a unificação da Alemanha e uma monarquia parlamentar constitucional, com forte participação popular. Mesmo assim, foi acusado de alta traição pelas autoridades, condenado a 12 anos de prisão e, após fazer a sua própria defesa, foi considerado inocente. Apesar disso, continuou sendo perseguido, e decepcionado, emigrou com a esposa para o Brasil em 1854. Aqui, seguiu atuando intensamente na política, tendo sido eleito vereador por dois mandatos (entre 1874 e 1881) pelo Partido Conservador e presidente da Câmara Municipal de Joinville (1874 – 1877), o que equivalia então ao cargo atual de prefeito.

Assim como na antiga pátria, em Joinville Dörffel continuou defendendo a unificação da Alemanha. Apesar de toda a perseguição que havia sofrido por lá, das suas frustrações e mágoas, na nova terra Dörffel foi um defensor intransigente do nacionalismo alemão e da germanidade (*Deutschtum*). Deixou isso expresso nas cartas e nas páginas do seu jornal, bem como na sua participação social como membro de diversas agremiações de caráter cultural, educacional e religioso. Nelas, procurou estimular sempre os valores culturais germânicos. Esse seu posicionamento culminou na sua escolha como primeiro cônsul do Império Alemão em Joinville em 1871, cargo que exerceu durante duas décadas.

Em uma carta a um amigo, Dörffel revela-se um crítico mordaz e lúcido da política brasileira:

"A República! Sim, sim é uma comédia assustadora, citando um ditado da região de Altenburg. Infelizmente faltam apenas os republicanos. Um bando que se impôs no poder conseguiu arruinar em 10 anos a União e os Estados brasileiros. Este é o caso em especial do nosso Estado de Santa Catarina. Um jovem tenente (N.T.: Felipe Schmidt), mal saído da Escola de Cadetes, governa aqui de forma tão despótica, sob a égide de um primo seu (N.T.: Lauro Müller) recém-eleito senador, que mesmo um velho homem do povo perde a cabeça. E assim entramos novamente em uma situação da qual acreditávamos ter nos livrado há tempo. Faltam aqui ainda líderes experientes." (carta a um amigo na Alemanha, de 10 de setembro de 1901)



OS ÚLTIMOS ANOS

Ottokar nunca se recuperou bem da sua "maior perda", como menciona em uma carta: após a morte em 1889 da sua esposa Ida, por quem tinha verdadeira adoração, Dörffel tomou-se cada vez mais recluso em sua propriedade, diminuiu sua participação na vida social e política, evitava participar de eventos e sair para o centro da cidade, preferindo a leitura, os passeios pelos jardins da casa e a correspondência com os parentes e amigos na Alemanha. Em uma dessas cartas, escrita em 1891 a um grande amigo, Dörffel fala da sua rotina:

"Eu vivo agora muito retirado, vou até a cidade apenas quando algum negócio o exige e me sinto melhor em minha casa, onde passo a maior parte do tempo na varanda aberta, aproveitando o bom ar livre. Quando o tempo está bom, eu caminho no final da tarde pela minha propriedade e observo do alto do Morro Charlotte os campos, matas e montanhas próximos e distantes, assim como as interessantes formas das nuvens e luzes. De manhã das 9h às 12h me ocupo em escrever, às 12h almoço sozinho, depois alimento as galinhas e gatos e vou me estirar no banco de descanso na varanda, onde tomo uma xícara de café e leio jornais. Por volta das 7h da noite experimento nada mais além de uma xícara de leite com ovo e me ocupo normalmente até às 9h com a leitura de um romance. Assim acontece todos os dias..." (carta escrita a sua irmã Thekla Kretzschmar, em 3 de setembro de 1891).

Apesar disso, Dörffel continuava a servir de conselheiro para quem o procurava, aceitava convites para ocasiões especiais e mantinha uma boa saúde física e mental. Na sua última carta, escrita alguns meses antes de morrer, Dörffel dá conselhos a um sobrinho:

Um coração e atitude joviais, - sempre adiante, nunca para trás - não conhecem receios e medos e confiam no destino. Você ainda tem uma esposa sábia, dinâmica e amorosa ao seu lado e filhos queridos e prestativos ao seu redor. Isso eu chamo de felicidade preciosa, que supera todas as adversidades, como as que você teve ano passado. Sempre lembro do meu velho ditado:

"Queres a felicidade como hóspede permanente, procure-a apenas naquilo que tu tens!". Mas não se preocupe imaginando como seria melhor se não houvessem essas adversidades. "Olhar sempre em frente", adiante, marche, mexa-se!! Esta é a ordem, - "tudo irá melhorar" - é o conforto, o grito de guerra...Quando comparo minha vida e situação atuais com as do passado também fico indignado com o destino, mas no que isto me ajuda?! Feliz aquele que esquece o que não pode ser mudado. Não consigo mais fazer nascer cabelos grisalhos, pois eles já se tornaram praticamente todos brancos como a neve." (carta escrita a seu sobrinho Hermann Kretzschmar, em 21 de janeiro de 1906).



FICHA TÉCNICA

Udo Döhler
Prefeito

Nelson Henrique Coelho
Vice-Prefeito

José Raulino Esbiteskoski
Secretário de Cultura e Turismo

Evandro Censi Monteiro
Diretor Executivo

Fernando Paulo Martins
Gerente de Patrimônio e Museus

Dilney Fermino Cunha
Coordenador do Arquivo Histórico de Joinville

FICHA TÉCNICA

Pesquisa e organização

Arselle de Andrade da Fontoura
Dilney Fermino Cunha
Jacson de Borba
Maria Judite Pavesi
Leandro Brier
Rodrigo Boçõen

Produção dos textos

Dilney Fermino Cunha

Programação visual

Gabriel Pavesi Goudard
Glaucya H. P. Gigli Ferreira (apoio)

Reprodução fotográfica

Jacson de Borba

Revisão, impressão e divulgação

Secretaria de Comunicação

Montagem

Jacson de Borba

